UMA REFLEXÃO SOBRE A DISLEXIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL*

Deyse Costa Silva[1]
Deysecost@hotmail.com
Monique Maria Valentim Rodrigues[1]
nickvalentim@gmail.com
Renilde Damacena Santos[1]
rennydamacena@gmail.com

RESUMO

O presente artigo discute o problema da dislexia no ensino fundamental. A coleta de dados deu-se através de pesquisa bibliográfica em livros, revistas e em meio eletrônico. Após a coleta analisamos casos semelhantes e possíveis medidas para suprir esta defasagem, que independe de uma boa escolarização. O que caracteriza os disléxicos é a persistência do problema (com atenuações) até a vida adulta. Os disléxicos podem chegar até a universidade, mas isto exige um considerável esforço próprio. Sabe-se que a dislexia é a dificuldade específica na leitura e como tal deve ser tratada de forma correta, sendo necessário que os pais e os professores estejam atentos a este sintoma para que não o confundam com preguiça ou má vontade, e encaminhe o educando a um especialista da área como: psicólogo, psicopedagogo ou fonoaudiólogo de modo que estes possam auxiliar o mesmo em seu processo de desenvolvimento da leitura.

Palavras-chaves: Dislexia. Desenvolvimento da leitura. Escolarização Básica.

INTRODUÇÃO

O presente artigo visa investigar a estreita relação entre dislexia e o desenvolvimento da linguagem no Ensino Fundamental, com o objetivo de refletir acerca do processo de aprendizagem dos alunos com dislexia.

Como a leitura é a habilidade lingüística mais difícil e complexa, é necessário que desde as séries iniciais haja compromisso e responsabilidade tanto dos docentes como dos alunos, para a superação das dificuldades relacionadas à aquisição desta habilidade.

Lidar com a dislexia na Educação Fundamental requer uma estreita relação entre professores, alunos, família e sociedade para que estes atuem como eixos facilitadores e não dificultadores do processo de aprendizagem no âmbito da escola. O conhecimento e a participação do professor influenciam diretamente na

---

* Trabalho apresentado sob orientação da profª. Andréa Hermínia de Aguiar Oliveira
[1] Acadêmicas do 8º período, curso de pedagogia, Faculdade São Luís de França.

aprendizagem em sala de aula. Por isso é preciso priorizar a ação e reflexão tanto do professor quanto do aluno nesse processo.

O que justificou este estudo foi o interesse pelas dificuldades de aprendizagem, em especial a dislexia, e a necessidade de um diagnóstico das crianças com problemas de leitura e escrita no cotidiano escolar a fim de verificarmos se são disléxicas e encontrarmos formas de trabalhar com elas para que tenham sucesso em sua aprendizagem.

No decorrer do curso surgiram várias inquietações a respeito de vários temas, no entanto o que mais aguçou a nossa curiosidade acerca desta temática foi à dúvida sobre o que fazer com as crianças portadoras de dislexia na Educação Fundamental.

A escolha do tema surgiu da necessidade de saber como os alunos, os pais, os professores e a sociedade devem lidar com este tipo de necessidade e que procedimentos devem ser adotados em sala de aula pelos professores junto aos alunos disléxicos.

O presente artigo tem por objetivo discursar a respeito da temática proposta, evidenciando formas de lidar com alunos disléxicos nos anos iniciais do ensino fundamental, bem como as causas de origem pedagógica e lingüística que favorecem a aparição da dislexia e o que pode ser feito para ajudar as crianças em sala de aula.

No primeiro momento deste projeto foi realizada uma pesquisa bibliográfica. A maioria dos pesquisadores trabalha com pesquisas bibliográficas, ou seja, com informações já escritas em livros, revistas, jornais entre outros. Entende-se por pesquisa bibliográfica, a coleta de informações sobre o que já foi escrito a respeito de um determinado tema.

Segundo Andrade (2003), a pesquisa exploratória é o ponto de partida para todos os trabalhos científicos. A finalidade dessa pesquisa é proporcionar informações sobre determinado tema de trabalho; definir os objetivos ou formular as hipóteses de uma pesquisa.

Conforme Marcone e Lakatos (2003), a coleta de dados é um procedimento pelo qual o pesquisador obtém as informações necessárias para uma determinada

pesquisa. Após a coleta, deu-se a elaboração de fichamentos e sua análise, no confronto entre as teorias estudadas, subsidiando a redação deste artigo.

1 LEITURA ESCRITA E DISLEXIA

Segundo Jardine (2010), dislexia é a dificuldade específica em leitura e, como tal, compreende duas vertentes fundamentais: a decodificação e compreensão. Entendemos por decodificação a capacidade lingüística que os escritores, leitores, e aprendentes têm em associar um signo gráfico a um nome ou a um som. Compreensão é a capacidade que o individuo tem de assimilar e entender algo que lhe esta sendo proposto, seja por meio da leitura ou da escrita de um determinado signo gráfico.

Com base em Geraldi (2002), a leitura é um processo de interlocução entre leitor/autor mediado pelo texto. Encontro com o autor, ausente, que se dá pela palavra escrita.

Conforme Dias (1995), a dislexia é um problema sério que deve ser tratado de forma correta. O ensino da leitura, que começa no reconhecimento isolado das letras do alfabeto, é puro exercício de memorização e acontece sob apoio do organismo sensorial. Quanto às dificuldades vivenciadas nesse processo estão na área das percepções, que fazem parte do sistema nervoso. Trata-se de uma imaturidade neurológica, de um desenvolvimento neurológico insatisfatório. Não existe dislexia e sim disléxicos. E cada caso deve ser visto e tratado não como se trata de todos, mas como suas particularidades exigem.

É importante que os pais e os professores estejam atentos aos sintomas da dislexia para que não os confundam com preguiça, má vontade ou desinteresse, e ajudem seus filhos e alunos a sanarem essa defasagem, cuja origem independe da boa escolarização.

Conforme pesquisas realizadas na área, 20% de todas as crianças sofrem de dislexia, o que causa grande dificuldade de aprender a ler, escrever e soletrar. Dislexia é uma das mais comuns deficiências de aprendizado, e em muitos casos ela tem sido a causa de evasão escolar. As pessoas disléxicas que nunca passaram por um processo de tratamento têm bastante dificuldade em ler e assimilar as palavras. Geralmente essas pessoas soletram muito mal. (JARDINE 2010).

Isto não quer dizer que crianças disléxicas são menos inteligentes; aliás, muitas delas apresentam um grau de inteligência normal ou até superior ao da maioria da população. A dislexia não deve ser motivo de vergonha para crianças que sofrem dela ou para seus pais. Não significa falta de inteligência e não é um indicativo de futuras dificuldades acadêmicas e profissionais.

Principalmente quando tratada, a dislexia não implica em falta de sucesso no futuro. Jardine (2010) destaca alguns exemplos de pessoas disléxicas que obtiveram grande sucesso profissional são Thomas Edison (inventor), Tom Cruise (ator), Walt Disney (fundador dos personagens e estúdios Disney) e Agatha Christie (autora).

Pesquisadores acreditam que pessoas disléxicas têm até uma maior probabilidade de serem bem sucedidas; acredita-se que a batalha inicial de disléxicos para aprender de maneira convencional estimula sua criatividade e desenvolve uma habilidade para lidar melhor com problemas e com o stress. (JARDINE, 2010).

Segundo a Associação Nacional de Dislexia (2010), dislexia não é considerada uma doença. Pessoas com dislexia apresentam um funcionamento peculiar do cérebro para os processamentos lingüísticos relacionados à leitura. O disléxico tem dificuldade para associar o símbolo gráfico, as letras, com o som que elas representam, e organizá-los, mentalmente, numa seqüência temporal. É uma dificuldade de linguagem inesperada, pois não está relacionada a problemas visuais, auditivos, lesão, neurológica, retardo ou problemas psicológicos e sócios culturais.

Com referência a uma Classe de Alfabetização e da 1ª série do Ensino Fundamental, o indivíduo portador da dislexia apresenta as seguintes características:

> Dificuldade em aprender o alfabeto, em separar e seqüenciar sons, com rimas (habilidades auditivas), em orientação temporal (ontem- hoje- amanhã- dias da semana- meses do ano), em orientação espacial (direita- esquerda, embaixo- em cima), em copiar do quadro. (DIAS, 1995, p 10).

Sabe-se que o objetivo da Alfabetização Universal surgiu nas sociedades Ocidentais. Neste período foi comum o depoimento de crianças que, apesar de apresentar inteligência normal, por serem oriundas de um lar estruturado, sofriam de uma inadequada dificuldade de leitura e escrita. A dificuldade de aquisição da leitura e escrita denomina-se Dislexia do Desenvolvimento. (ELLIS, 1995)

> A dislexia do desenvolvimento está interligada aos problemas inesperados de leitura, em que as crianças podem vivenciar algumas dificuldades relacionadas à leitura e a escrita que não podem ser atribuídas à fraca audição ou visão, baixa inteligência ou oportunidades educacionais inadequadas. (ELLIS, 1995, p.105-106).

Entretanto, de acordo com a autora, para que a criança seja chamada de disléxica é necessário que antes seja realizado com a mesma uma análise em seu processo de aprendizagem verificando suas condições físicas (audição e visão), tal como seu ingresso na escola em tempo oportuno para aprender a ler e escrever.

Com base nas informações colhidas, é possível verificar as possibilidades de uma criança ser ou não disléxica. Outro aspecto que também merece uma atenção maior é o ambiente familiar. Geralmente filhos de pais leitores tendem a fazer o mesmo. Isto, porque eles são estimulados e motivados a agir de igual modo. Os pais são as maiores referências dos filhos nos lares, sendo assim, eles tendem a imitá-los em tudo. (ELLIS, 1995)

Conforme Ellis (1995), as principais causas que comprometem o processo de aprendizagem são de origem interna e externa. A interna está relacionada às questões pessoais da criança, a exemplo de seu desenvolvimento psicomotor e intelectual. A externa abrange todo o ambiente físico, familiar, escolar e sócio cultural em que a criança está inserida.

Segundo Davidoff (2001), um reforçador é considerado intrínseco quando o simples ato de engajar no comportamento o fortalece. Ou seja, o próprio ato é uma fonte de sentimentos agradáveis sendo automaticamente reforçado toda vez que ocorre. Os comportamentos, desempenhados diariamente pelas pessoas não são intrinsecamente reforçadores. São fortalecidos por conseqüências externas ou extrínsecas.

Sejam quais forem as causas da dislexia, de origem interna ou externa, cabe aos educadores refletirem sobre formas de redimensionar suas práticas, a fim de atender às diferentes necessidades e realidades destes educandos, trabalhando para favorecer seu pleno desenvolvimento em sala de aula e na vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de nem sempre claramente diagnosticada, a dislexia exige um cuidado especial. O disléxico tem dificuldades na escrita e na leitura. Ele lê um texto como se estivesse lendo palavras isoladas e na escrita troca as letras, escreve a mesma palavra de várias formas diferentes. Por este motivo, os professores e também os pais, acham que o aluno está com preguiça de ler ou que escreve errado por que quer, já que algumas vezes ele acerta a escrita da palavra.

Portanto, faz-se necessário que os professores e pais tenham conhecimento sobre este tema, para assim, poder ajudar seus alunos ou filhos e não rotulá-los de preguiçosos. As crianças que sofrem desta defasagem necessitam de acompanhamento psicológico, fonoaudiológico e psicopedagógico, a fim de se desenvolverem de forma saudável e plena.

Vale ressaltar que dislexia não implica insucesso profissional dos indivíduos. Segundo estudos realizados pelos pesquisadores, os disléxicos têm o mesmo grau de inteligência ou até mesmo superior à pessoa dita normal. Logo, a dislexia, não é um problema de inteligência, e sim uma dificuldade na leitura/escrita e cada caso exige um cuidado especial, de acordo com o tipo de dislexia, suas especificidades, bem como as particularidades de cada sujeito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho cientifico.** 6 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE DISLEXIA. **Sinais comuns de Dislexia.** Rio de Janeiro - RJ. Disponível em: <http://www.andislexia.org.br / sinais comuns da dislexia.html> Acesso em: 01 out. 2010.

DAVIDOFF, Linda L. **Introdução à psicologia.** 3. ed. São Paulo: makron books, 2001.

DIAS, Lucinda. **Problemas de Aprendizagem:** procedimentos pedagógicos-terapêuticos. Mimeo. S/l: Antroposófica, 1995.

ELLIS, Andrew W. **Leitura, escrita e dislexia:** uma análise cognitiva. 2 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GERALDI, João Wanderley (org). ALMEIDA, Milton José de. LEITE, Lígia, C. de Moraes, et al. **O texto na sala de aula.** 3ª ed. São Paulo: Ática, 2002.

JARDINI, Renata. **Dislexia.** São Paulo Disponível em: < http:// www.oqueedislexia>. Acesso em: 28 set. 2010.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamento da metodologia cientifica.** 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.